

Imagens da infância na arte: sobre o brincar e outras consciências

Marcos Rizolli

193

Um significativo conjunto de imagens artísticas foi selecionado com o interesse de estabelecer um campo tensional acerca das relações entre infância e arte, de modo a configurar um painel visual que age nas fronteiras entre o brincar e outras consciências.

A maneira como a arte transforma a cultura em seu sentido mais amplo é a questão central deste ensaio visual, que pensa a infância por meio de representações artísticas que transitam entre a inocência, o cotidiano, a erotização e a inserção social. Com todas as suas implicações, essas imagens requerem interesse contemplativo e atitude reflexiva para que as mais diversificadas esferas da infância sejam compreendidas de forma expandida. Entre tantas possibilidades, buscou-se selecionar um conjunto de artistas e obras referenciais que pudessem oferecer um mosaico das relações entre arte e infância para, assim, oferecer ao leitor um relevante percurso visual, que convida ao reconhecimento de diferentes concepções de arte para um mesmo universo temático.

A escolha das imagens – pinturas, fotografias, esculturas – buscou abranger artistas notórios, clássicos, modernos e contemporâneos, de diferentes localidades: asiáticos, europeus, norte-americanos, sul-americanos. Os nomes selecionados foram Caroto, Cameron, Renoir, Picasso, Miró, Portinari, Dacosta, Visconti, Balthus, Ut, Mueck, os Chapman, Ravello, Beecroft e Zhigang. Além disso, as imagens da infância deveriam apresentar o brincar e outras consciências em distintas expressões, como figuras naturalistas, geometrizadas, deformadoras, quase-abstrações.

São apresentadas visualidades universais que se estabelecem entre o real e o imaginário; entre o histórico e o social. São retratados os estados da infância: inocente [*inter-essere*] perturbador. As agudas percepções artísticas observam e consideram o subliminar do cotidiano, transformando em cultura todas as esferas humanas – constituindo os conceitos, discursos e imagens que circulam nos tempos-espacos da civilização.

A seleção de imagens configura um evento tensional tanto estético quanto político sem, contudo, abdicar de sua dimensão artística. Afinal, a arte, ao tempo que apresenta imagens (figuras, formas, cores, estilos, técnicas) e imaginários (efeitos, fantasias, visões de mundo), age, mais do que tudo, para despertar consciências.



Figura 1 – Giovanni Francesco Caroto. *Retrato de uma criança com um desenho*, c. 1515-1520 (Museo di Castelvecchio, Verona, Itália)

Fonte: <http://de.academic.ru/dic.nsf/dewiki/238214>

A pintura do italiano Giovanni Francesco Caroto é uma das primeiras imagens da História da Arte que apresenta o desenho infantil como tema de uma obra artística. Para realizar a pintura, o artista pediu que a filha de seu vizinho (7 anos) fizesse um

desenho da figura humana – um desenho infantil realista. Não se pode excluir a possibilidade de que a menina tenha feito o desenho diretamente na tela, nesse caso, a pintura teria dupla autoria. O quadro suscita algumas indagações: como se dava o acesso infantil ao desenho, em pleno início do século 16? Papéis e materiais de desenho faziam parte do cotidiano infantil? Quanto se estimulava – nas famílias – a prática expressiva do desenho? Qual a classe social da menina? Certamente, o desenho era expressão exclusiva das classes econômica e socialmente privilegiadas.



Figura 2 – Julia Margaret Cameron. *Eu espero*, 1872 (Paul Getty Museum, Los Angeles, Estados Unidos da América)

Fonte: <http://www.esacademic.com/dic.nsf/eswiki/669122>

Num tempo social de alta mortalidade infantil, o retrato de uma criança utilizando a, então inovadora, técnica fotográfica – imaginando que a menina-modelo nem sobrevivesse até a idade adulta – conseguiu adicionar à imagem intenso *pathos* (ao estimular o sentimento de piedade ou de tristeza; ao sugerir um sentimento de melancolia ou de ternura). A fotografia, que retrata uma menina com asas de querubim, cita os famosos *putti* de Raffaello Sanzio. O que aguarda a criança da cena? A menina espera crescer ou morrer? A ambiguidade é sempre recorrente nas imagens infantis da fotógrafa britânica Julia Margaret Cameron.



Figura 3 – Pierre-Auguste Renoir. *Rosa e azul*, 1881 (Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, Brasil)

Fonte: <https://www.world-poems.net/modules/publisher/article.php?storyid=2086>

O pintor francês Pierre-Auguste Renoir retratou as meninas Alice e Elizabeth (5 e 6 anos), filhas mais novas do banqueiro Louis R. Cahen d'Anvers. No retrato das meninas Cahen, o artista transmite com cores e delicadeza de tonalidades todo o frescor e a candura da infância. As meninas quase se materializam diante do observador, a de azul (à direita) com seu ar vaidoso, e a de rosa (à esquerda) com certo enfado, quase beirando as lágrimas. Contudo, segundo Alice relataria mais tarde, o tédio das sessões era compensado pelo prazer de vestir o elegante vestido de renda. Alice viveu até os 89 anos e Elisabeth morreu aos 69 anos, a caminho de um campo de concentração.



Figura 4 – Pablo Picasso. Retrato de Maya com sua boneca, 1938 (Coleção de Diana Widmaier, Paris, França)

Fonte: <https://www.art.com/products/p13023101-sa-i2267453/pablo-picasso-portrait-of-maya-with-her-doll-c-1938.htm?upi=F1KQG30>

Enquanto a menina Maya brinca com sua boneca, seu pai adorativo, o espanhol Pablo Picasso, experimenta seu mais arrojado estilo artístico, pautado pela surpreendente organização de figura, espaço e cor – o Cubismo, em sua versão analítica. A distorção figurativa pode ser percebida em dois índices: a boneca tem o rosto realista, enquanto o rosto da criança traz recortes e justaposições nos detalhes faciais. As roupas das duas (menina e boneca) estão combinadas: assim, suas identidades se tornam intercambiáveis. Paradoxalmente animadas e inanimadas. Apesar das distorções anatômicas modernistas, a disposição dos elementos define uma composição piramidal: o conjunto figural se posiciona contra os simplificados blocos horizontais marrom e branco que separam os planos de chão e parede que definem o cenário.

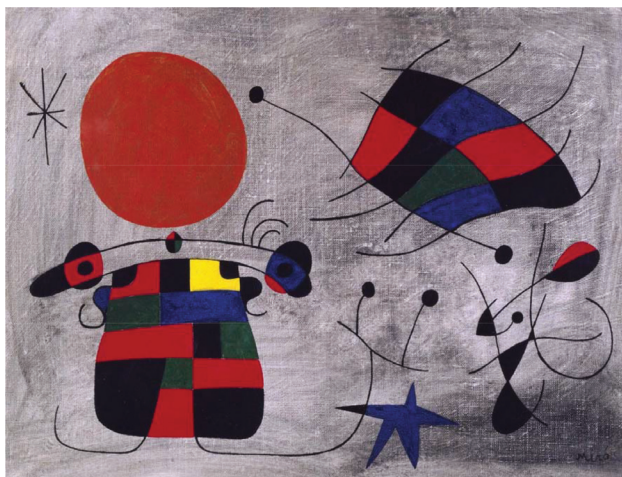


Figura 5 – Juan Miró. *O sorriso de asas flamejantes*, 1953 (Museo Reina Sofia, Madri, Espanha)

Fonte: <http://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/sourire-des-ailes-flamboyantes-smile-flamboyant-wings>

Um menino vestido de formas e cores e brincando, na composição, com linhas – pipas, animais (?), estrelas... constelações! Esta tela do espanhol Juan Miró revela toda a alegria surrealista de sua arte. O fundo neutro, acinzentado, de superfície irregular, posiciona as formas-figuras em suspensão. As linhas onduladas insistem em configurar olhos, sorrisos, gestos corporais, movimentos do brincar – ainda que, através do impulso gestual, insinuem metáforas. As cores intensas das figuras se destacam do cenário e mostram a dinâmica da linguagem visual – que, de modo muito peculiar, sugere argumentos que nascem por si mesmos e expressam apenas a si mesmos. A pintura de Miró oferece o prazer de olhar para espaços mágicos e, com ele, voamos para a plenitude da infância.

198



Figura 6 – Candido Portinari. *Moleques pulando cela*, 1958 (Projeto Portinari, Rio de Janeiro, Brasil)

Fonte: <http://umaseoutrasjoicy.blogspot.com/2012/08/imaginario-portinari.html>

O brasileiro Candido Portinari, nosso artista maior, nunca se esqueceu de sua infância vivida em Brodósqui, interior paulista. Mestre modernista, o artista social que conheceu fama internacional pintou a infância em diferentes dimensões expressivas – com alegria e sofrimento. A alegria, contudo, tornou-se o seu estado de infância mais recorrente. São inúmeras as pinturas que apresentam meninos anônimos brincando: empinando pipas, pulando cela, jogando pião e bolinhas de gude... cirandando! Com seu estilo figurativo, marcadamente modernista e com influências cubistas, apresentou a infância em sua esfera de ludicidade – o brincar ingênuo e descompromissado, o jogo coletivo e solidário, as coisas de meninos e meninas.



Figura 7 – Milton Dacosta. Roda, 1942 (Coleção Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil)
Fonte: <https://magriniartes.wordpress.com/2012/10/11/>

Na origem de sua carreira, Milton Dacosta desenvolveu obra de cunho construtivista, bem adaptado à estética tropical. Essa característica acabou por incidir sobre sua produção pictórica figurativa. No meio termo de sua trajetória artística, começou a fazer figuras humanas geometrizadas, tendo como referência o Cubismo – autoralmente adaptado –, para, então, definir peculiar expressividade dentro da história da arte brasileira. As diversificadas cenas de crianças brincando que o artista pintou foram continuamente desenvolvidas com base num embate reflexivo e silencioso. Muitas das crianças não apresentam seus detalhamentos faciais. Seriam, então, manequins? Mesmo aquelas pinturas cujas faces infantis são expostas, apresentam recortes e geometrizações. Seriam, então, máscaras? A infância destituída de sua energia vital?



Figura 8 – Eliseu Visconti. *A caboclinha*, 1891 (Coleção Particular)

Fonte: <https://www.childhoodinart.org/photos/1370/images/cia008411.jpg>

Eliseu Visconti, artista brasileiro de formação europeia, aplicou os ensinamentos do movimento impressionista em inúmeras pinturas de temática feminina, cujas modelos são flagradas em cenas íntimas e desavisadas. Embora tenha produzido num tempo cultural em que as cenas do cotidiano dominavam os interesses dos artistas, sua *caboclinha* se tornou um exemplo de seu comportamento voyeurístico. O olhar adulto de Visconti, contudo, revela peculiar interesse pela puberdade da modelo – pois a jovem figura é percebida pelo pintor em momento de descanso, displicentemente sem suas vestes superiores, denotando a simplicidade de uma vida ainda destituída de malícia.



Figura 9 – Balthus. *Menina com gato*, 1937 (Art Institute of Chicago, Chicago, Estados Unidos da América)

Fonte: <https://www.pinturasdoauwe.com.br/2014/02/pinturas-de-balthus.html>

Embora se argumente que as meninas retratadas nas pinturas do francês Balthus sejam somente arquétipos da juventude – simbolizados pelo corpo em sua glória adolescente –, sua arte também sugere, de modo bem plausível, o elogio ao ato de ver: em seu estado ideal de contemplação, em que o visto e o que vê se tornam um. Em outra leitura, de modo mais aproximado, o gato seria a representação do próprio pintor que, de forma mais sensorial, inclui-se na composição. Além disso, podemos associar o gato com a tradição de representação da sexualidade na pintura ocidental. Então, as meninas e adolescentes insistentemente retratadas pelo pintor podem sugerir interesses desconcertantes: o olhar como representação de desejos reprimidos.



Figura 10 – Nick Ut. *Napalm Girl*, 1972 (Associated Press)

Fonte: <http://image-word.blogspot.com/2009/11/nick-ut-photo-of-phan-thi-kim.html>

Phan Thi Kim Phúc, também conhecida como Kim Phúc, tornou-se mundialmente conhecida como a menina desesperadamente retratada numa foto da Guerra do Vietnã. No momento do ato fotográfico, era apenas uma criança de cerca de 9 anos de idade que fugia de sua aldeia, sob bombardeio de napalm. Até hoje esta imagem, tirada em 8 de junho de 1972, pelo fotógrafo Huynh Cong Ut (ou Nick Ut), é lembrada como uma das mais terríveis cenas de guerra. Adulta, Kim Phúc tornou-se Embaixadora da Boa Vontade da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Hoje ela vive no Canadá e tem dois filhos.

202



Figura 11 – Ron Mueck. *Pinocchio*, 1996 (Hayward Gallery, Londres, Inglaterra)

Fonte: <http://www.artnet.com/artists/ron-mueck/pinocchio-6x0uD-pkaTBeWv0kB1kZA2>

Esta escultura do artista australiano Ron Mueck tornou-se emblemática porque foi considerada sua primeira interlocução com o sistema da arte. Exibida pela primeira vez numa galeria londrina, revelou, de antemão, as desconcertantes figuras humanas produzidas pelo escultor. Suas figuras – que podem respeitar a escala humana ou variar da miniatura ao gigantismo – superam a diferença entre o modelo e a arte, entre a presença cotidiana e a diferença do imaginário. O garoto, de expressão pouco inocente, apenas de cuecas, apresenta-se estático – catalizando os conflitos entre o realismo da vida e a essência das manifestações artísticas. O nonsense da figura, expresso na postura e no sorriso malicioso do menino, transmuta-se para o nosso próprio comportamento diante de obras de arte.



Figura 12 – Jake & Dinos Chapman. *PiggyBack*, 1998 (Acervo dos Artistas, Londres, Inglaterra)

Fonte: <http://jakeanddinoschapman.com/works/piggyback/piggyback-2/>

Os irmãos ingleses Jake e Dinos Chapman produzem esculturas e instalações que examinam, com perspicácia e energia, a sociedade e a moral contemporânea. Trabalhando juntos, dedicaram-se ao tema do grotesco anatômico e pornográfico, apresentando manequins de crianças e adolescentes – meninas e meninos – corporalmente modificados: algumas figuras apresentam características siamesas; outras trazem genitálias no lugar das características faciais. As peças, expostas individualmente ou em conjuntos, referem-se ao uso do corpo infantil para a excitação sexual. As crianças e adolescentes, contudo, apresentam materialidades propositalmente artificiais, plastificadas, que aludem a corpos infláveis, presentes nos fetiches adultos.



Figura 13 – Erik Ravello. *Os intocáveis – Priest3*, 2013 (Coleção do Artista)

Fonte: <http://www.blckdmnds.com/os-intocaveis-crucificacao-infantil-e-denuncia-social-por-erik-ravello/>

Erik Ravello, fotógrafo-artista cubano que trabalha como diretor de criação no centro de pesquisa e comunicação da Benetton, famosa empresa italiana de moda, conhecida por suas polêmicas propagandas, realizou o ensaio *Os intocáveis*: uma série de sete fotografias que contrapõem imagens de crianças sendo crucificadas a corpos de homens que representam símbolos opressores e corruptos de nossa sociedade. A crítica social denuncia a convivência da sociedade com os abusos sofridos pelas crianças ao redor do mundo. Entre os temas trabalhados pelo artista, estão a pedofilia, a obesidade infantil, o mercado de transplante de órgãos, a intolerância religiosa e a misoginia.



Figura 14 – Vanessa Beecroft. *Madonna branca com gêmeos*, 2016 (Coleção da Artista)

Fonte: <http://www.latimes.com/entertainment/arts/miranda/la-et-cam-vanessa-beecroft-new-york-mag-20160811-snap-story.html>

Vanessa Beecroft é uma artista italiana de prestígio artístico internacional que, ao tentar adotar bebês gêmeos sudaneses, com o intuito de utilizá-los como modelos de uma série de ensaios fotográficos e performáticos, deparou-se com contundentes críticas humanitárias. Foi acusada de exercer narcisismo promocional, colossal e hipocriticamente autoconsciente. Seu comportamento alegadamente espantoso foi substituído por uma produção fotográfica seriada que, de tão clássica, calou seus opositores. As imagens que concebeu, garantidas pela presença dos bebês, revelam uma infância sagrada – apesar dos antiparâmetros das sociedades contemporâneas, cada vez mais injustos, diante das vicissitudes infantis.



Figura 15 – Tang Zhigang. *Crianças em reunião*, 2008 (Coleção: Sotheby's)

Fonte: <https://www.widewalls.ch/artist/tang-zhigang/>

No trabalho artístico do chinês Tang Zhigang tudo se refere ao absurdo da burocracia da vida institucional. Tendo exercido o cargo de pintor oficial do Exército de Libertação do Povo por longos vinte anos, recebeu críticas quanto ao grau de realismo socialista, supostamente inadequado, presente em seus retratos de líderes do governo da China. Ao representar a grandeza e a bondade comunista por meio de pinturas em que crianças estão envolvidas em jogos supostamente sérios – ainda que reduzidos ao universo infantil –, o artista apresenta sua visão irônica acerca dos obscuros propósitos das intermináveis reuniões dos chefes do partido. Ao retratar crianças deslocadas de seu universo lúdico, o artista expõe, de forma convincente, toda a banalidade do mundo adulto.

Referências bibliográficas

BORGES, R. R.; REIS, M. *Educação infantil: arte, cultura e sociedade*. Curitiba: CRV, 2016.

OLIVA, F.; PEDROSA, A.; SCHWARCZ, L. (Org.). *Histórias da infância*. São Paulo: Masp, 2016.

REIS, M.; RIZOLLI, M. [Curadoria]. *Despalavras das infâncias e juventudes: imagens e imaginários*. Salvador: Uneb, 2015.

RIZOLLI, M. *Artista, cultura, linguagem*. Campinas: Akademika, [2005] 2010.

Marcos Rizolli, mestre e doutor em Comunicação e Semiótica: Artes, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com pós-doutorado em Artes pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), é líder do Grupo de Pesquisa Arte e Linguagens Contemporâneas (certificado pelo CNPq), crítico de arte e curador independente, artista visual e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em São Paulo (SP).

rzll@uol.com.br

Recebido em 19 de março de 2018

Aprovado em 25 de junho de 2018

